

A LIMITADA PERCEPÇÃO DE HEIDEGGER SOBRE A CAVERNA DE PLATÃO

HEIDEGGER'S LIMITED PERCEPTION OF PLATO'S CAVE

LUCIANO COUTINHO

CECH – UNIVERSIDADE DE COIMBRA; UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB;

INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA – IFPB

LUCIOANOCOUTINHO1@GMAIL.COM

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0003-3868-9950](https://orcid.org/0000-0003-3868-9950)

LAILA MENDONÇA

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB

ARQ.LAILAMENDONCA@GMAIL.COM

[HTTPS://ORCID.ORG/0000-0002-8308-9092](https://orcid.org/0000-0002-8308-9092)

53

TEXTO RECEBIDO EM / TEXT SUBMITTED ON: 10/03/2021

TEXTO APROVADO EM / TEXT APPROVED ON: 18/11/2021

Resumo: A teoria heideggeriana movimenta-se em oposição às teorias platônicas e, de uma maneira geral, ao platonismo, desde seu princípio. Mostra-se válida a constatação de que o pensamento de Platão ocupa um importante lugar, ainda que de caráter opositor, na teoria de Heidegger, já que o objetivo norteador deste último é a superação do pensamento metafísico tradicional em direção à retomada do sentido do Ser a partir de uma ontologia de base essencialmente fenomenológica. O presente artigo, portanto, tem como intuito a reflexão acerca da interpretação e crítica de Heidegger à alegoria da Caverna

de Platão, presente em *A teoria platônica da verdade*, com o objetivo de apresentar pontos de fragilidade na interpretação heideggeriana da alegoria, quando confrontado às nuances do pensamento do próprio filósofo ateniense na alegoria, que, por sua vez, está conectada ao todo dialógico, que parece escapar à compreensão de Heidegger.

Palavras-chave: Platão, Heidegger, ser, verdade.

Abstract: Since its beginnings, Heidegger's theory moves in opposition to Plato's theories and to platonism in general. It is a valid point that Plato's thought, albeit adopting an opposing character in Heidegger's theory, holds an important place, since its guiding objective is to overcome traditional metaphysical thinking towards the resumption of the sense of Being from an essentially phenomenological ontology. This article intends to reflect on Heidegger's interpretation and criticism of Plato's allegory of the Cave, which is present in *Plato's doctrine of truth*, with the aim of discussing points of weakness in Heidegger's interpretation of the allegory. We will seek to demonstrate such fragility by confronting the nuances of Plato's own thought in the allegory, which in turn is connected to the dialogue as a whole, with Heidegger's view of the allegory.

Keywords: Plato, Heidegger, being, truth.

APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

A filosofia de Heidegger busca a superação da metafísica tradicional desde seus textos iniciais. Segundo suas teorias, o pensamento fundante de toda a filosofia ocidental encontra-se em Platão e no platonismo¹,

1 Entendemos que há uma diferença substancial entre Platão e o platonismo. O platonismo compreende toda uma corrente filosófica baseada na filosofia de Platão, abrangendo também o pensamento e a influência de filósofos como Plotino, Agostinho, dentre outros.

cuja filosofia metafísica levou ao esquecimento do Ser e deteve seu pensamento aos entes em seu *logos* (λογος). Heidegger propõe, assim, a recuperação do pensamento originário do Ser.²

Para que se discorra sobre o lugar que a teoria de Platão ocupa em Heidegger, optamos por analisar a interpretação emblemática de Heidegger acerca da filosofia de Platão. No texto “A teoria platônica da verdade”, Heidegger apresenta seu pensamento acerca da importância do posicionamento da verdade para o entendimento do Ser e evidencia sua postura em relação ao papel da filosofia de Platão no caminho para o esquecimento do Ser.

O texto em questão trata da interpretação heideggeriana sobre a alegoria da Caverna, um *mythos* alegórico³ presente no livro sétimo da *República*. No *mythos* alegórico da Caverna, Platão expressa simbólica e imagetivamente sua teoria a respeito da percepção psíquica da realidade e do desenvolvimento da *psyche*⁴ humana na *polis*.

O presente trabalho busca analisar o conteúdo de significância representado na alegoria da Caverna, de Platão, no pensamento de Heidegger, a fim de verificar aspectos de fragilidade nas propostas interpretativas deste último em relação ao primeiro. Para isto, dividir-se-á em duas seções: 1) “A Caverna Platônica de Heidegger”, que tratará da alegoria da Caverna de Platão, mas na versão interpre-

55

2 Cf. (Heidegger 2012a: 183-203); (Heidegger 2012b: §1. *A necessidade de uma expressa repetição da pergunta pelo ser*; §6. *A tarefa de uma destruição da história da ontologia*; §7.B. *O conceito do logos*).

3 Em seus diálogos, Platão emprega vários tipos de *mythoi*: alegorias, fábulas, metáforas, mitos da tradição, dentre outros, e “Cada uma dessas modalidades era, entre os gregos, compreendida como *mythos*” (Coutinho 2015: 22). Entende-se por *mythos* alegórico um *mythos* cuja imagem, criada por Platão, demonstra suas teorias acerca da *psyche* humana na *polis*. Para um maior aprofundamento a respeito do *mythos* em Platão, cf. Brisson (1982; 2005), Lopes (2014) e Coutinho (2015).

4 Platão utiliza a expressão ψυχή para determinar tanto as operações da “mente” humana (seu intelecto), quanto a própria “alma”, dentre outras possibilidades. Neste trabalho, *psyche* pode assumir tanto o significado de “mente”, quanto de “alma”, a depender de seu contexto.

tativa de Heidegger e 2) “A Caverna de Platão e os Anacronismos de Heidegger”, que tratará da alegoria da Caverna como simbologia das teorias de Platão em torno do melhoramento da percepção psíquica da realidade. Ainda ao longo da segunda seção, serão tratados certos pontos de anacronismo⁵ teórico na interpretação heideggeriana em relação à Caverna de Platão.

O artigo aqui proposto não tem o intuito de comparar qualitativamente os dois filósofos (contemporâneo x clássico), mas antes de ponderar importantes questões sobre as tensões por parte de Heidegger a Platão, resultantes de certas inversões conceituais apresentadas na interpretação heideggeriana, que lhe servem para defender melhor suas próprias teses filosóficas.

A CAVERNA PLATÔNICA DE HEIDEGGER

56

Heidegger propõe, em sua filosofia, uma nova metodologia de pensamento baseada na hermenêutica da facticidade, uma análise fenomenológica acerca da “existenciariedade”⁶, buscando uma refundamentação ontológica. Logo, a “presentificação” do ente – ente que se mostra na existenciariedade de sua existência – é a base do pensamento

5 Reconhecemos que Heidegger não está preocupado em desenvolver uma historiografia sobre a filosofia de Platão ou sobre a história do Ser, mas antes em apresentar suas críticas e teorias sobre a verdade enquanto desvelamento do Ser no próprio ente. O termo “anacronismo” é utilizado, neste trabalho, a fim de evidenciar algumas faltas de alinhamento teórico por parte de Heidegger a conceitos que, em Platão, apresentavam significâncias diferentes das empregadas pelo filósofo alemão.

6 O termo “existenciariedade” é empregado, aqui, em concordância com a tradução de *Ser e tempo* de Fausto Castilho, versão utilizada na elaboração deste artigo. Existenciariedade é, assim, um termo que denomina a conexão das estruturas da existência: “O entendimento que conduz *então* a si mesmo, nós o denominamos entendimento *existencial* (...) A pergunta pela estrutura da existência visa à exposição do que constitui a existência. Damos o nome de *existenciariedade* à conexão dessas estruturas” (Heidegger 2012b: 61). A analítica fenomenológica heideggeriana tem, portanto, caráter existenciário (cf. Heidegger 2012b: 56-68).

originário para se analisar o despontar do Ser no desvelamento, no desocultamento desse Ser em seu ente:

Filosofia é ontologia fenomenológica universal cujo ponto de partida é a hermenêutica do *Dasein*, a qual, como analítica da *existência*, fixou a ponta do fio-condutor de todo perguntar filosófico lá de onde ele *surge* e para onde ele *retorna* (Heidegger 2012b:129)

Heidegger interessa-se pelo ontológico e busca o sentido de Ser com base no ente capaz de ter a consciência e de se perguntar pelo seu Ser: o homem, a saber, o *Dasein*⁷. Heidegger não procura fundamentar um estudo antropológico, mas sim propor uma nova abordagem para compreender o Ser do homem. Essa compreensão de base hermenêutica e fenomenológica apresenta-se enraizada ao que Heidegger entende como modo de ser mais próprio e originário desse ente privilegiado, uma analítica existencial.

57

tanto homem quanto mundo dão-se, doam-se, já sempre, desde sentido de ser, desde modo de ser, desde horizonte de sentido, desde abertura de sentido. ‘Sentido’, ‘modo’, ‘horizonte’, ‘abertura’ apontam para o modo originário e elementar de já sempre ser um *ser-aí* (*Dasein*) bem determinado. Esse modo de ser constitui-se como ontológico por ser sempre já incontornável. O ser do ser-aí é, por isso, ex-sistência (Kirchner 2016: 117)

Arraigado em sua visão acerca da desconstrução da metafísica ocidental, Heidegger apresenta sua interpretação sobre a alegoria

7 Neste trabalho, assim como na tradução de *Ser e tempo* por Fausto Castilho, optou-se por não traduzir *Dasein*, palavra designada por Heidegger ao ente privilegiado de seu foco de estudo, para evitar quaisquer terminologias que possam deter caráter antropológico ou conceituações carregadas de significâncias atuais desacertadas às teorias propostas pelo filósofo alemão.

da Caverna de Platão no texto “A teoria platônica da verdade”.⁸ A leitura heideggeriana propõe a alegoria como uma simbologia que expressa a mudança da essência da verdade, isto é, a mudança de foco do pensamento originário do Ser em seu desvelamento⁹ para o aparecimento da essência. Esse aparecimento é entendido como uma espécie de evidência que se “presenta”, no sentido de “presentar, ou seja, vir até a presença” (Heidegger 2008: nota de rodapé 1). Nesse sentido, Heidegger sugere sua definição de ideia/forma em Platão:

As coisas citadas na “alegoria” e que são vistas fora da caverna servem, em contrapartida, de imagem para aquilo que constitui o propriamente ente do ente. Segundo Platão, ele é aquilo por intermédio do que se mostra o ente em seu “aspecto”. Platão não toma esse “aspecto” como mera “aparência exterior”. O “aspecto” ainda tem para ele algo como um vir à tona, por meio do qual toda e qualquer coisa se ‘apresenta’. Postando-se em seu ‘aspecto’, o

58

⁸ A busca heideggeriana por uma hermenêutica da facticidade é vista já em 1923, na preleção de verão *Ontologia: Hermenêutica da Facticidade*, onde Heidegger abre o debate sobre a questão do sentido de Ser empregando uma análise de base hermenêutica e fenomenológica sobre a existência fática. Esse pensamento é desenvolvido mais a fundo em 1927, em *Ser e tempo*, obra mais conhecida do filósofo alemão. O desenvolvimento de uma hermenêutica da facticidade não é a base temática-filosófica de “A teoria platônica da verdade” (1931), texto chave deste artigo. Ainda assim, não se pode deixar de lado que a filosofia heideggeriana busca interpretar a existência fática, mesmo quando o tema chave de questionamento é a retomada da verdade enquanto desvelamento (*Unverborgenheit*), que para Heidegger foi perdida na história da filosofia ocidental, em contrapartida à aceitação da verdade enquanto correção ou adequação do olhar. Heidegger busca a verdade enquanto jogo de duplo velamento no ente presentificado, existente, isto é, defende a essência da verdade enquanto jogo que desvela e vela o ente, presentificado, em seu Ser mais próprio. Para tal questão, cf. “A teoria platônica da verdade”, *Ser e verdade e A origem da obra de arte*, todos de Heidegger.

⁹ Para Heidegger: “verdade significa, de início, aquilo que foi arrancado ao velamento. Verdade é, portanto, esta conquista pela luta, a cada vez sob a forma do desocultamento” (Heidegger 2008: 235).

próprio ente se mostra. ‘Aspecto’, em grego, significa εἶδος e ἰδέα”
(Heidegger 2008: 225-226)¹⁰

O *eidos* (εἶδος) e a *idea* (ἰδέα), aí unificados, doariam a “presentificação” para o ente: em aspecto, o ente se presentaria.¹¹ Essa definição de Heidegger nos aponta a problemática que envolve e fundamenta toda sua interpretação. Para o filósofo alemão, o que está em jogo em sua analítica existencial é o factual mundano, onde cada ente se mostra como um modo-de-ser de seu Ser, isto é, já sendo sempre seu Ser mais próprio. Assim, Heidegger inverte a ideia platônica, apresentada na alegoria da Caverna como a essência por trás do que se mostra como forma visível, para sua “aparência exterior”.¹² Respalhando sua crítica de que o factual mundano não poderia ser sustentado por uma causa

10 No texto original em alemão, Heidegger emprega a palavra “Aussehen”, que foi traduzida, na versão aqui utilizada, por “aspecto”. Com a palavra “Aussehen”, Heidegger demonstra sua interpretação da ideia de Platão dotada de um caráter de apresentação, que entenderemos como “aparência exterior”. Para ele, é por meio da ideia que os objetos e seres, os entes, se apresentam com a “aparência exterior” que têm no plano sensível.

59

11 Vimos anteriormente que, para Heidegger, essa existencialidade como conexão de estruturas da existência, revela a essência do ser. Esse pensamento é exposto na relação fundamental entre *Dasein* e existência: “O ser ele mesmo, em relação ao qual o *Dasein* pode comportar-se e sempre se comporta desta ou daquela maneira, é por nós denominado existência. E porque a determinação-de-essência desse ente não se pode efetuar pela indicação de um quê de conteúdo-de-coisa, pois sua essência reside em que, ao contrário, esse ente tem de ser cada vez seu ser como seu, escolheu-se para sua designação o termo *Dasein* como pura expressão-de-ser (...) O entendimento que conduz a si mesmo, nós o denominamos entendimento existencial” (Heidegger 2012b: 59-61).

12 Em *Heidegger’s Interpretation of Plato*, Stanley Rosen aponta que mesmo invertendo a ideia de Platão, Heidegger nos apresenta uma interpretação ortodoxamente convencional: “According to Heidegger, the Ideas are ‘appearances’ in the sense of subjective projections rather than the presentation of presence as it is allowed to be by a thinking which is not willful but marked by *Gelassenheit*. This is the nub of Heidegger’s conventional orthodoxy: he completes a line of argument which goes back through Nietzsche, Marx, Hegel, even Kant, to the beginnings of the modern era” (Rosen 1929: cap. 8 s/p), e completa, “In Heidegger’s treatment, the Platonic Idea becomes more radically an epistemological concept than in the work of the most ordinary of analysts. Like the most professorial of philologists, Heidegger normally ignores the dialectical context

formal que está acima da própria presença, acima do modo como o próprio ente se mostra, Heidegger inverte os conceitos de *eidos* e de *idea* de Platão, posicionando a metafísica platônica como a responsável pela transformação da factual presentificação em apenas representação.

A “idéia” é o aspecto que empresta visibilidade àquilo que se apresenta. A *ιδέα* é o puro brilhar no sentido da expressão “o sol brilha”. A “idéia” não deixa “brilhar” ainda outra coisa (por trás de si), ela própria é o que resplandece, a única coisa que reside no resplandecer de si mesma. A *ιδέα* é o resplandecente. A essência da idéia reside no caráter de luminosidade e visualidade. Essa realiza a presentificação, a saber, a presentificação daquilo que é cada vez um ente. No o-que-é do ente, o ente a cada vez se apresenta. Presentificação, porém, é efetivamente a essência do ser. É por isto que, para Platão, o ser possui sua essência própria no o-que-é (Heidegger 2008: 237)

60

No decorrer da narrativa, com os estágios de libertação do prisioneiro, de saída e de retorno ao subterrâneo, Heidegger chama a atenção para um dos pontos cruciais de sua interpretação, fundamentando-se na significância representativa da perturbação e da lenta e necessária adaptação física a que passa o prisioneiro ao longo de cada uma dessas situações:

Mas por que é que em cada âmbito a adaptação deve ser constante e lenta? Porque a transformação concerne ao ser homem e, por isto, se realiza no fundo de sua essência. Isto significa: a postura, que serve de medida e que deve surgir por meio de uma guinada, precisa ser desenvolvida a partir de um empuxo que já

of those sentences which he abstracts for analysis, as though they were independent, technical propositions instead of the speech of irony” (Rosen 1929: cap. 8 s/p).

sustenta a essência do homem até atingir um comportamento firme. Esta mudança de hábito e este movimento de se reacostumar da essência do homem com o âmbito que lhe é indicado a cada vez é a essência do que Platão chama de παιδεία. Não há como traduzir esta palavra. Em Platão, de acordo com a determinação de sua essência, παιδεία significa a περιαγωγή ὅλης τῆς ψυχῆς, a guia que conduz para a transformação de todo o homem em sua essência (Heidegger 2008: 228)

Para o filósofo alemão, a plasticidade da alegoria, composta pelas mudanças de postura do prisioneiro ao longo da narrativa, tornaria cognoscível a essência da *paideia*¹³. A força interpretativa da alegoria manifestar-se-ia na evidência de uma *paideia* que busca “guiar todas as *psychai*” (περιαγωγή ὅλης τῆς ψυχῆς) para uma determinada maneira de enxergar a realidade. Chegamos, por consequência, ao cerne da interpretação heideggeriana: a relação essencial entre *paideia* e *aletheia*. *Paideia* platônica, para Heidegger, equivale à formação da *psyche*, e *aletheia*, a verdade dessa formação.

Heidegger aponta, ainda, que a simbologia expressa nas situações do prisioneiro ao longo da narrativa não compreenderia apenas a essência da *paideia*, evidenciando também a essência da *aletheia*: “Desvelamento em grego chama-se ἀλήθεια, palavra que se traduz por ‘verdade’” (Heidegger 2008: 230). A partir da mutação da *aletheia*, do desvelado, a cada estágio da alegoria, apresentar-se-ia a estruturação fundamental da *paideia*: “é somente a essência da verdade e o modo de sua mutação que possibilita ‘a formação’ em sua estruturação fundamental” (Heidegger 2008: 230). Heidegger interpreta a Caverna platônica, em seu conteúdo, como uma simbologia representativa da relação substancial e originária entre *paideia* e *aletheia*.

13 Para Heidegger: “a verdadeira formação apanha e transforma a própria alma na totalidade, alocando o homem antes de tudo em seu lugar essencial e com ele acostumando-o” (Heidegger 2008: 229).

se não nos contentarmos em traduzir as palavras παιδεία e ἀλήθεια apenas de modo “literal” e procurarmos, ao contrário, pensar a partir do saber dos gregos a essência objetiva mencionada nas palavras traduzidas, então “formação” e “verdade” apontam imediatamente para uma unidade essencial. Se se leva a sério a consistência essencial do que vem nomeado pela palavra ἀλήθεια, então se alça a questão de saber a partir de onde Platão determina a essência do desvelamento. A resposta a essa questão se vê remetida ao conteúdo próprio da “alegoria da caverna” (Heidegger 2008: 230-231)

62 Para Heidegger, portanto, as transições entre os estágios da alegoria fundamentam-se na progressão do desvelado, da verdade, em cada situação em que se encontra o ex-prisioneiro. Assim, a verdade de cada situação forneceria ao ex-prisioneiro uma medida para a qual ele entende todas as coisas e relações. Com essas transições, a cada vez, ele chegaria mais perto do ente propriamente dito, próximo de sua forma inteligível, e se distanciaria de sua imagem, de sua forma visual. A cada estágio, o ex-prisioneiro perceberia que a medida atual é mais desvelada que a medida do estágio anterior, isto é, cada estágio da alegoria representaria um novo grau de desvelamento da realidade e, concomitantemente, o entendimento do estágio anterior como menos verdadeiro do que o que agora se mostra no estágio atual. A experiência fundamental da *aletheia*, por consequência, encontrar-se-ia no desvelamento do que se encontra velado, no desencobrimento do que estava encoberto.¹⁴

14 Cf. Heidegger: “Com a palavra desvelado e seu desvelamento nomeia-se a cada vez aquilo que vigora como abertamente presente no âmbito da morada do homem. Só que a ‘alegoria’ narra uma história de transições de uma morada para a outra. Somente a partir daí, essa história se desmembra em uma sequência de quatro diferentes moradas em uma graduação ascendente e descendente específica. As diferenças entre as moradas e os graus das transições fundamentam-se na diversidade do ἀλήθεος que lhe fornece a cada vez a medida, na diversidade do modo como a cada vez impera a

Heidegger, na verdade, acusa Platão de uma inversão da essência do ente, marcada pela seguinte tese: distanciando-se de sua imagem visível, o ex-prisioneiro alcança sua real liberdade psíquica; isto ocorre ao ascender à parte exterior da caverna, pois a luminosidade do sol revelaria as próprias aparências externas das coisas: “As próprias coisas estão aí na concisão e vinculação de seu próprio aspecto” (Heidegger 2008: 233). As ideias, dessa maneira, constituiriam a essência em cuja luz se apresentam os entes:

As visões daquilo que as próprias coisas são, as εἰδη (idéias), constituem a essência em cuja luz se mostra todo ente singular como este ou aquele, em cujo mostrar-se aquilo que aparece se mostra primeiramente de maneira desvelada e acessível (Heidegger 2008: 233-234)

Na interpretação heideggeriana, sem a compreensão psíquica das ideias, tudo o que é visto fora da caverna permaneceria não compreendido, já que o que está em jogo é algo além do que efetivamente se apresenta. A real liberdade do ex-prisioneiro estaria condicionada, então, à capacidade de alcance desse olhar direcionado às ideias.

Por conseguinte, Heidegger perfaz sua leitura do *eidos* e da *idea* (em conjunto) de Platão como “aspecto”, contextualizados à sua interpretação acerca da ideia do “bem”. Analisando o “bem” como causa formal, Heidegger posiciona a ideia do “bem” como o que transmitiria a essência para os entes, para o que aparece enquanto forma visível. A problemática revela-se na inversão do “bem”¹⁵ em Platão enquanto causa ou princípio moral, para o “bem” enquanto causa existencial em Heidegger.

‘verdade’. Por isto, também o ἀλήθεια, o desvelado, precisa ser pensado e nomeado em cada grau, deste modo ou de outro” (Heidegger 2008: 236).

15 Cf. nota de rodapé 17, em que explicamos a distinção entre “o bem” e “o bom” em Platão.

A idéia suprema é a origem, isto é, a causa originária de todas as ‘coisas’ e de seu caráter coisal. ‘O bem’ garante o resplendor do aspecto, é aquilo onde o que se apresenta encontra sua consistência naquilo que ele é” (Heidegger 2008: 241)

Para Heidegger, na ideia do “bem” se consumaria a essência de todas as ideias, pois seria a partir dessa ideia que se possibilitaria o aparecer de tudo o que se apresenta na visibilidade do visível. Heidegger apresenta a ideia do “bem” como a “ideia suprema”, de onde poderiam surgir todas as outras ideias. Assim, a ideia do “bem” seria a “causa originária de todas as coisas”, transmitindo-lhes suas realidades verdadeiras.¹⁶

Heidegger conclui que, em Platão, só seria possível enxergar psiquicamente, de fato, com a gradativa e paciente (re)formatação da *psyche*, segundo uma maneira específica de enxergar, em que a verdade surge submetida à própria ideia do “bem”. Tomando a noção de *paideia* enquanto formatação da *psyche* ao seu lugar essencial onde se mostra propriamente esse enxergar claro e sua relação originária com o “aspecto” que precisaria ter, Heidegger interpreta o conteúdo da alegoria da Caverna como o “processo tácito do assenhorear-se ἰδέα sobre a ἀλήθεια” (Heidegger 2008: 242). Portanto, fundamentar-se-ia o assenhoreamento da ideia sobre a verdade. Em outras palavras, a verdade pôr-se-ia sob a sujeição da ideia, e a ideia tornar-se-ia senhora da verdade.

A ἀλήθεια põe-se sob o jugo da ἰδέα. Na medida em que afirma que a ἰδέα é a senhora que permite desvelamento, Platão está fazendo remissão a algo não dito, a saber, que daí em diante a essência da verdade não se desenvolve propriamente como essência do desvelamento a partir da plenitude essencial própria, mas se desloca para a essência da ἰδέα. A essência da verdade abandona o traço fundamental do desvelamento (Heidegger 2008: 242)

16 Cf. (Heidegger 2008: 240-241).

E se o que está em jogo é o desenvolvimento para que se possa enxergar propriamente, isto é, para o enxergar psíquico das ideias, a fim de que se tenha uma apreensão mais verossímil da realidade, então é necessária uma espécie de correção do olhar, um esforço em direção ao olhar mais preciso, possibilitado pela ideia do “bem”. Na interpretação heideggeriana, a *aletheia*, enquanto desvelamento, é transmutada para a possibilidade de enxergar segundo um formato específico, padronizado por um determinado “aspecto”, que se tem como verdade: o padrão de medida deixa de ser o desvelamento e passa a ser a “retidão do olhar” (Heidegger 2008: 243). Teríamos, aí, uma adequação da percepção da realidade, uma *paideia* determinada de fora para dentro.

Tudo depende da ὀρθότης, da retidão do olhar. Por meio dessa retidão, o ver e o conhecer tornam-se retos, de tal modo que, por fim, encaminham-se diretamente à idéia suprema, firmando-se nessa “direção reta”. Neste voltar-se de modo reto, o notar iguala-se àquilo que deve ser visto. Este é o “aspecto” do ente. Em consequência desta adequação do notar como um ἰδεῖν à ἰδέα, dá-se uma ὁμοίωσις, uma concordância do conhecimento com a coisa mesma. Assim, da primazia da ἰδέα e do ἰδεῖν frente à ἀλήθεια dá-se uma transformação da essência da verdade. Verdade torna-se ὀρθότης, retidão do notar e enunciar (Heidegger 2008: 242)

Em Heidegger, a essência da verdade platônica passa a ser, em primazia, a correção do olhar e, em um segundo plano, o desvelamento. Em outras palavras, percebe-se a ideia do “bem” dentro de uma “ambiguidade necessária” (Heidegger 2008: 243): ela é o que proporcionaria a adequação do que se percebe com seu fundamento ao mesmo tempo em que é o que proporciona o desvelamento. Mesmo que a verdade seja tratada enquanto desvelamento em cada um dos estágios da alegoria, esse desvelamento é apresentado com o objetivo fundamental de se alcançar o que se mostra em seu aspecto.

Heidegger sustenta, assim, que a Caverna platônica demonstraria como Platão toma a essência da verdade como subjugada à ideia, como subjugada a uma adequação do enxergar, de uma *orthotes* (ὀρθότης). A crítica à mudança da essência da verdade deve-se à interpretação heideggeriana de a verdade deixar de ser propriamente desvelamento e passar a depender da relação do ente com a ideia do “bem”:

“Desvelamento” refere-se agora incessantemente ao desvelado como aquilo que é acessível por meio da luminosidade da idéia. Todavia, enquanto o acesso é proporcionado necessariamente por um “ver”, o desvelamento está engajado na “relação” com o ver, e “relativo” a ele (Heidegger 2008: 237-238)

66 Heidegger entende que a problemática da tradição filosófica em relação à *aletheia* é a premissa de que a verdade passa a residir na concordância do juízo com o objeto, por isso, a verdade teria lugar na adequação do pensamento em direção à concordância juízo-objeto. A verdade, portanto, residiria no intelecto como a correção do olhar em direção à essa concordância, perdendo o traço de desvelamento do Ser em seu ente. Para Heidegger, mostra-se necessário que se questione apropriadamente o modo de ser que o ente, sendo existencialmente em seu Ser, apresenta-se, para que se reconquiste o pensamento pelo sentido de Ser em sua relação essencial e substancial de desvelamento.

Assim, Heidegger estabelece sua tentativa de quebra com a tradição metafísica. Para isso, ele precisa alterar alguns conceitos e princípios fundamentais da filosofia de Platão, de maneira a forçar certas interpretações, buscando justificar um diálogo com a tradição e a, conseqüente, originalidade de suas propostas filosóficas.

Nesse sentido, analisaremos, na próxima seção, como as interpretações de Heidegger acerca da alegoria da Caverna de Platão promovem inversões provocadas pelo próprio Heidegger. Para tanto, teremos de

verificar os mesmos conceitos e princípios tratados por Heidegger na alegoria da Caverna no livro sétimo da *República* de Platão.

O OLHAR DE HEIDEGGER PARA A CAVERNA DE PLATÃO

Para Platão, a essência do que imediatamente se apresenta no plano visível estabelece-se no plano suprassensível, no inteligível. Já para Heidegger, o fenômeno de manifestação dos entes aponta sempre para um modo de ser e a essência é transposta para a factual “presentificação”. As induções de Heidegger à teoria das ideias de Platão estão enraizadas no pensamento de que o fundamento estaria em outro plano, a saber, no inteligível e o desvelamento estaria subordinado a ele, subordinado à visão das ideias, em detrimento do que fenomenologicamente se “presentifica” em sua existência.¹⁷

No livro sétimo da *República*, Platão apresenta imagetivamente seu pensamento a respeito da totalidade real e do desenvolvimento da percepção psíquica acerca dessa realidade na alegoria da Caverna. Para entendermos o melhoramento da percepção psíquica em torno do que é mais ou menos verossímil na realidade, faremos uma breve descrição da alegoria, para identificarmos como o próprio Platão opera com os conceitos de “ideia”, de “educação”, de “essência”, dentre outros. Isto levar-nos-á a compreender, os anacronismos¹⁸ de Heidegger em torno da filosofia de Platão, em específico na Caverna.

67

17 Em uma nota explicativa ao final de sua tradução de *Ser e tempo*, Schuback explicita a importância que Heidegger atribui à existência: “*Ser e tempo* reservou “existência” para designar toda a riqueza das relações recíprocas entre presença [*Dasein*] e ser, entre presença e todas as entificações, através de uma entificação privilegiada, o homem. (...) Na história do Ocidente, a resposta predominante tem sido a era da metafísica. Nela, a existência reduz-se à instalação que circunscreve e delimita um estado e lugar na tensão com a essência. Por isso, qualquer inversão da ordem entre essência e existência consolida e não supera a resposta metafísica” (Schuback: 562 nota N2).

18 Cf. nota 5 deste artigo.

Antes de iniciar o relato da alegoria, a personagem Sócrates diz a Gláucon: “imagina a nossa natureza, relativamente à educação ou à sua falta, de acordo com a seguinte experiência” (Platão *R.* 7, 514a). Essa passagem evidencia que a representação imagética da Caverna serve metodologicamente como simbologia representativa para a real importância da percepção da *psyche*, elucidando o quanto o desenvolvimento psíquico é essencial para todos os âmbitos da vida particular e pública na *polis*.

Em sequência, Sócrates descreve a situação imaginária de homens acorrentados no interior de uma caverna. Fadados a permanecerem no mesmo lugar e olharem estritamente para frente, condição em que se encontram durante toda a sua vida, os prisioneiros seriam incapazes de mexer a cabeça e o restante de seus corpos. Atrás deles, há um pequeno muro, uma espécie de tapume, e como única fonte de iluminação, uma fogueira. Ao longo do muro, homens transitam carregando variados tipos de artefatos. Aos prisioneiros, resta apenas a visão das sombras geradas pela iluminação do fogo aceso na parte posterior da caverna, como uma espécie de teatro de fantoches.

Nesse cenário, representa-se a personificação da *psyche* no prisioneiro que, acorrentado e imóvel, é incapaz de compreender a realidade mais abrangente, atendo-se apenas ao que consegue enxergar na parede: as sombras. Por enxergarem somente sombras, entende-se que os prisioneiros têm uma percepção de realidade distorcida não só do mundo, mas também de si próprios. O estado dos prisioneiros é descrito como uma completa imobilidade física: “algemados de pernas e pescoços, de tal maneira que só lhes é dado permanecer no mesmo lugar e olhar em frente; são incapazes de voltar a cabeça, por causa dos grilhões” (Platão *R.* 7, 514a-b), simbolizando as amarras psíquicas dos homens que se encontram no nível mais rudimentar de conhecimento, com a mais baixa compreensão da realidade.

A narrativa da alegoria se segue com a libertação de um dos prisioneiros de suas correntes. Como consequência dedutiva da imagem apresentada, o ex-prisioneiro, que até então nunca teria se mexido,

sofreria imensas dores físicas ao esticar suas pernas e tentar levantar. Como não havia olhado para a luz nem uma só vez ao longo de sua vida de prisioneiro, ele teria dificuldades também de olhar para a claridade da fogueira, por ter seus olhos acostumados apenas com a escuridão.

Logo que alguém soltasse um deles, e o forçasse a endireitar-se de repente, a voltar o pescoço, a andar e a olhar para a luz, ao fazer tudo isso, sentiria dor, e o deslumbramento impedi-lo-ia de fixar os objectos cujas sombras via outrora” (Platão R. 7, 515c-d)

Essas dores simbolizam também a dificuldade enfrentada pela *psyche* de compreender as novas realidades (ou se preferirmos, partes da realidade), retratando como, em um primeiro momento, ela reagiria com descrédito ao que agora percebe.

No trajeto até o exterior da caverna, o ex-prisioneiro enfrentaria novamente diversas dores até estar apto a olhar para os objetos iluminados pelo Sol, para, em um último passo, finalmente, conseguir olhar e entender o próprio Sol, como astro de onde provém a luz que torna visível os objetos iluminados no exterior da caverna. Essa lenta adaptação representa mais uma vez a dificuldade do processo de melhoramento da percepção da *psyche*, ao mesmo tempo em que apresenta o caminho gradual desse melhoramento como fundamental e inevitável.

Platão entende que o desenvolvimento humano dá-se de dentro para fora, em um exercício interno da *psyche* humana, e apenas assim é possível que o ser humano se liberte de suas correntes psíquicas, representadas pela situação inicial dos prisioneiros na caverna.¹⁹

¹⁹ Esse pensamento é explicitado na *República*, a partir do livros sexto e sétimo, com o amadurecimento da personagem Sócrates em sua caminhada filosófica: nos primeiros livros, a personagem apresenta um posicionamento tirânico que, com o decorrer do diálogo, vai sendo abandonado ao passo em que Sócrates desenvolve uma postura filosófica. O amadurecimento de Sócrates representa um elemento de denúncia da própria tirania e de um sistema político de manipulação da *polis*.

A interpretação heideggeriana, exposta na seção anterior, apresenta uma problemática anacrônica que se inicia, em parte, em seu entendimento sobre a sequência de estágios da narrativa. O intuito de Platão com o encadeamento de situações do prisioneiro não é apresentar uma gradação do desvelamento, de verdades cada vez mais verdadeiras, pois, para Platão, não há o *alethes*, o desvelado, em cada estágio, mas sim uma percepção mais verossímil da realidade na qual o prisioneiro está inserido.

A compreensão da simbologia do Sol, na alegoria, será, nesse sentido, indispensável para entendermos os fundamentos de Platão acerca do melhoramento psíquico do prisioneiro em relação à sua percepção da realidade, e, a partir dele, podermos compreender os elementos da Caverna, apresentados na descrição inicial desta seção.

Na *República*, o Sol, como astro visível do plano sensível, é comparado, por analogia, à ideia do “bom”²⁰ no plano inteligível:

70

Podes, portanto, dizer que o sol, que eu considero filho do bem, que o bem gerou à sua semelhança, o qual bem é, no plano inteligível, em relação à inteligência e ao inteligível, o mesmo que o sol no plano visível em relação à vista e ao visível (Platão *R.* 6, 508c)

O Sol é o astro que proporciona visibilidade às coisas visíveis, é o que torna o plano visível possível aos olhos do ex-prisioneiro. Seguindo a

20 Vegetti diz que a expressão τὸ ἀγαθὸν é empregada por Platão como um “un aggettivo neutro sostantivato, esattamente come *to kalon*, *to dikaion* e così via (tecnicizzati nel linguaggio delle idee con il sintagma *auto to-*)” (Vegetti 2003: 253 nota 1) e, por isso, a tradução da expressão para “o bom” ao invés de “o bem”, em Língua Portuguesa, alcança maior concordância com a utilização do termo por Platão. Em concordância com Vegetti, Coutinho explica: “A tradução de τὸ ἀγαθὸν por um adjetivo substantivado em Língua Portuguesa atribuirá uma dimensão mais semelhante ao original, em que o ‘bom’ será utilizado, neste tópico, quando se fizer necessário aclarar a noção de atribuição de bondade a algo, como é o caso de τὸ ἀγαθὸν n’A *República*; no sentido de tornar algo bom” (Coutinho 2015: 190-191 nota 463).

analogia, é a ideia do “bom” que possibilita à *psyche* perceber a verossimilhança das formas visíveis com as formas inteligíveis. É importante ressaltar que o “bom” não é o intelecto em si, mas antes o que proporciona que o intelecto seja psiquicamente atingido. Quanto maior é a percepção psíquica do “bom”, mais a *psyche* percebe a verossimilhança do inteligível: “O ‘bom’ é, nesse sentido, um princípio moral que conduz a *psyche* a buscar a compreensão do que há por trás das coisas visíveis, levando-a à percepção da unidade na multiplicidade do plano sensorial” (Coutinho 2015: 194). Percebe-se aí uma analogia entre os olhos e a *psyche*, entre a visão dos olhos e a visão da *psyche*; seguindo o mesmo raciocínio, o enxergar psíquico alcança maior teor de verdade do que o enxergar físico da visão. Assim, quem enxerga apenas com os olhos vê apenas as aparências, as imagens, enquanto quem enxerga com a *psyche* é capaz de ver os paradigmas na natureza, o verossímil na multiplicidade. Portanto, assim como o Sol é o que torna possível a visão às vistas, o “bom” é o que dá condições à *psyche* de alcançar um nível maior de percepção da realidade e, conseqüentemente, de conhecimento.

71

Fica sabendo que o que transmite a verdade aos objectos cognoscíveis e dá ao sujeito que conhece esse poder, é a ideia do bem. Entende que ela é a causa do saber e da verdade, na medida em que esta é conhecida, mas, sendo ambos assim belos, o saber e a verdade, terás razão em pensar que há algo mais de belo ainda do que eles. E, tal como se pode pensar correctamente que neste mundo a luz e a vista são semelhantes ao Sol, mas já não é certo tomá-las pelo Sol, da mesma maneira, no outro, é correcto considerar a ciência e a verdade, ambas elas, semelhantes ao bem, mas não está certo tomá-las, a uma ou a outra, pelo bem, mas sim formar um conceito ainda mais elevado do que seja o bem (Platão R. 6, 508e-509a)

O fato de o ex-prisioneiro conseguir olhar adequadamente para as coisas iluminadas pelo Sol significa que a *psyche* atingiu um nível

de compreensão onde percebe a unidade inteligível na multiplicidade visível, isto é, percebe as ideias enquanto paradigmas na natureza.²¹ Essa percepção é alcançada com a compreensão das ideias enquanto conclusão, que são causas formais dos objetos visíveis do plano sensível.

A visão dos objetos e seres agora iluminados pelo Sol faz com que o ex-prisioneiro chegue a uma nova perspectiva de mundo muito mais verossímil do que a situação em que ele se encontrava no início da alegoria. Compreendendo a ideia do “bom” como o que proporciona a inteligência psíquica, pode-se compreender também a própria ignorância psíquica, em outras palavras, a *psyche* atinge um patamar onde não se prende às suas percepções como verdades absolutas, por mais verdadeiras que pareçam.

O “bom”, seguindo o paralelo alegórico com o sol, é o que determina os limites da inteligência. Se ele é fraco, a inteligência será também fraca e, em sua completa ausência, a inteligência será nula. No plano visível, são os olhos que, sem a iluminação do sol, parecem cegos; no plano inteligível, é a *psyche* que, com a ausência do “bom”, parecerá cega (Coutinho 2015: 194)

Quando o ex-prisioneiro finalmente se encontra apto a olhar, mesmo que só por alguns instantes, diretamente para o Sol, a *psyche* atinge o último nível de desenvolvimento psíquico onde consegue vislumbrar a ideia como princípio.

Finalmente, julgo eu, seria capaz de olhar para o Sol e de contemplar, não já a sua imagem na água ou em qualquer outro sítio, mas a ele mesmo, no seu lugar (...) Depois já compreenderia, acerca do Sol, que é ele que causa as estações e os anos e que tudo dirige

21 Sobre tal questão, cf. (Platão *Prm.* 132b-d). Coutinho aborda esse tema em seu capítulo “A Katabasis das Formas em Platão – Uma leitura do Parmênides”, cf. (Coutinho 2020).

no mundo visível, e que é o responsável por tudo aquilo que eles viam um arremedo (Platão R. 7, 516b-c)

Assim:

O ato de contemplá-lo em si significa alcançar as ideias enquanto princípio, já que essa contemplação só é possível porque a visão acostumou-se primeiro a enxergar os outros objetos iluminados pela luz da noite: metáfora para indicar que a *psyche* primeiro compreende as ideias enquanto conclusão, e a partir destas consegue alcançar as ideias enquanto princípio (Coutinho 2015: 225-226)

Apesar da proposta de Platão de contemplação do sol pelo ex-prisioneiro ser linguisticamente possível, devemos levar a imagem às últimas consequências e notar que contemplá-lo significa antes saber de sua existência e vislumbrá-lo, não olhar fixamente para ele – afinal os olhos humanos não podem fixar o sol por mais de alguns segundos. Se levarmos a comparação entre o sol e o “bom” à sério, veremos que, da mesma maneira, a *psyche* não terá condições de fixar-se no “bom”, mas antes de saber de sua existência e vislumbrá-lo. Para não deixar dúvidas a esse respeito, Sócrates afirma:

Portanto, era isto o que eu queria dizer com a classe do inteligível, que a alma é obrigada a servir-se de hipóteses ao procurar investigá-la, sem ir ao princípio, pois não pode elevar-se acima das hipóteses, mas utilizando como imagens os próprios originais dos quais eram feitas as imagens pelos objectos da secção inferior, pois esses também, em comparação com as sombras, eram considerados e apreciados como mais claros (Platão R. 6, 511a)

Servindo-se, portanto, apenas das ideias conclusivas, a *psyche* seria capaz de perceber a existência desse mais alto nível superior

de realidade, mas sem alcançar fixamente sua completude. Dessa maneira, ao mesmo tempo em que Platão estabelece a necessidade da busca dos inteligíveis, ele estabelece a importância do plano visível em relação ao plano inteligível nesse processo.²²

O sol é o um típico exemplo de alcance das ideias enquanto princípio na alegoria. A partir dele, segundo propõe Sócrates, pode-se conhecer as relações mais primordiais da natureza, na alegoria, já que contemplar o sol significa perceber o que “causa a duração do ano” e perceber também que ele “tudo governa no plano visível” (R. 7, 516b10-c1). A metáfora serve para associar as consequências benéficas da contemplação do sol com a percepção das ideias enquanto princípio, ou seja, ideias que são compreendidas a partir da observação de outras ideias conclusivas que, por sua vez, são obtidas a partir dos objetos visíveis do plano sensorial (Coutinho 2015: 226)

74

Logo, o prisioneiro, ou sua *psyche*, compreende os dois planos, sensível e inteligível, como partes constituintes de uma mesma realidade, ou melhor, como “duas realidades que formam uma realidade maior com dois seguimentos –, cuja multiplicidade, própria do sensorial, coabita com a unidade, própria do inteligível” (Coutinho 2015: 201).

Com a trajetória do ex-prisioneiro, Platão evidencia sua teoria a respeito do melhoramento da *psyche*, firmado pela busca do conhecimento por meio da caminhada filosófica, ao mesmo tempo em que demonstra o quanto a caminhada, por si só, é fundamental na aprendizagem e na educação psíquica.

22 Mesmo que para atingir o quarto e último nível de desenvolvimento psíquico não se faça uso do plano sensível, utilizando-se apenas das ideias conclusivas, Platão não nega o plano sensível em detrimento do inteligível. Para que se chegue ao último nível é preciso, necessariamente, passar pelos primeiros níveis de desenvolvimento, sendo, assim, consequência dos processos anteriores.

O ex-prisioneiro, agora supostamente filósofo, é mais maduro psiquicamente. Tomando a ideia do “bom”, ele deve auxiliar o desenvolvimento psíquico dos que ainda continuam na caverna em situação de aprisionamento, retornando, assim, à caverna. Esse retorno também se mostra doloroso: mesmo compreendendo o plano inteligível, ele deve regressar ao estágio mais primitivo que já vivenciou e, ao chegar lá, teria arduamente que se reacostumar à escuridão da caverna, já que estaria habituado a ver a luz do exterior.

A volta à caverna apresenta a ligação necessária e fundamental do filósofo com o plano sensorial, percebendo nele a inteligibilidade e buscando sempre o melhor caminho prático para a educação e melhoramento da *polis*. De tal maneira, o filósofo não se ateria às suas próprias realidades conhecidas, o que resultaria em um deslumbre idealista totalmente oposto à postura filosófica. Esse deslumbramento poderia conduzir o filósofo ao esquecimento da significância do plano sensorial, posicionamento que seria extremamente danoso, não só para o melhoramento contínuo do próprio filósofo, como para o melhoramento da *polis*, nos âmbitos da vida prática e da vida pública.

Platão evidencia que o verdadeiro filósofo deve ter a compreensão de que mesmo não podendo alcançar os princípios absolutos, pode orientar-se pela ideia do “bom”, assim como pode também orientar outros indivíduos. Logo, o retorno à Caverna finaliza a alegoria com uma dupla cunhagem: subjetiva, no âmbito psíquico do próprio filósofo; social, no âmbito da *polis*.

A crítica de Heidegger apresenta, como discutido, os estágios da alegoria como uma progressão do desvelado, da verdade, e é consumada em sua interpretação sobre a ideia do “bom” como a última instância da primazia da ideia sobre a *aletheia*, a fim de demonstrar, em Platão, a mudança da essência da verdade como desvelamento para a prevalência da essência da ideia: “A idéia suprema é a origem, isto é, a causa originária de todas as “coisas” e de seu caráter coisal” (Heidegger 2008: 241). O que se mostra discutível nessa interpretação

é o fato de que, em Platão, temos a ideia do “bom” com caráter mais próximo de uma causa moral do que formal, pois o “bom” é apresentado como um tipo de ideia pura que conduzirá a *psyche* a perceber o que está mais perto e mais longe da verdade, ou melhor, perceber o mais e o menos verossímil, ainda que não seja possível alcançar a verdade em completude. A ideia do “bom” de Platão é o que induz e motiva a *psyche* humana a querer buscar a verdade.

A ideia do “bom”, assim, é possível de ser alcançada apenas pelo verdadeiro filósofo, ao passo em que este é capaz de atingir um sentimento de bondade comum a tal ponto que, mesmo ascendendo ao mais alto patamar de intelecto, não impõe suas próprias conquistas como verdades. Iluminado pela ideia do “bom”, o filósofo atuará como participante auxiliador na prosperidade dos diversos âmbitos da vida na *polis*.

Na alegoria, vemos que o sol não é a origem formal do que está sendo enxergado pelo prisioneiro no exterior da caverna, mas sim o que proporciona visibilidade para os seres e objetos. Seguindo a analogia entre sol e ideia do “bom”, em concordância, a ideia do “bom” não é apresentada como a raiz fundante, a senhora do plano inteligível ou das ideias, conforme propõe Heidegger. Quanto maior a percepção da ideia do “bom” pela *psyche*, maior a percepção da verossimilhança com o inteligível. É o nível de bondade que proporcionará à *psyche* um maior ou um menor grau de percepção do inteligível.

Reconhecerás que o Sol proporciona às coisas visíveis, não só, segundo julgo, a faculdade de serem vistas, mas também a sua gênese, crescimento e alimentação, sem que seja ele mesmo a gênese. (...) Logo, para os objectos do conhecimento, dirás que não só a possibilidade de serem conhecidos lhes é proporcionada pelo bem, como também é por ele que o Ser e a essência lhes são adicionados, apesar de o bem não ser uma essência, mas estar acima e para além da essência, pela sua dignidade e poder (Platão R. 6, 509b)

A concepção heideggeriana do “bem” como um princípio formal, é reforçada quando Heidegger nos apresenta a necessidade da correção do olhar em direção às ideias e sua relação hierárquica com a verdade: “Verdade torna-se ὁρθότης, retidão do notar e enunciar” (Heidegger 2008: 242). O que temos nessa questão é um entendimento errôneo de uma espécie de universalização da percepção defendida por Platão. A assimilação de concordância entre verdade e correção do olhar manifesta-se mais claramente na concepção de uma leitura do platonismo, onde essa correção toma um caráter epistemológico e teológico, conforme é possível notar no platonismo cristão de Agostinho, em que a conversão ao cristianismo é um passo fundamental para a aproximação com a verdade absoluta, que é divina. Em oposição, Platão nos apresenta uma teoria onde não há propriamente o encontro entre verdade e *psyche*, mas sim a concepção do filósofo como psicologicamente desenvolvido a ponto de compreender que suas apreensões, por mais verossímeis que sejam, nunca contemplarão a verdade em completude. O intuito de Platão com a alegoria da Caverna não é defender a universalização da percepção, mas manter a unidade dos princípios.

No que toca à problemática psíquica, entretanto, o problema de Sócrates é tentar evitar o relativismo da opinião proveniente da má percepção psíquica da realidade, a fim de manter a unidade. A questão não se trata de ontologia, mas antes de teoria da percepção psíquica, já que sustenta a noção de que as “formas estão na natureza como paradigma” (*Prm.* 132d1-2) (...) a relativização da realidade dá-se pelas diversas maneiras de percepção e recepção da realidade por parte dos olhos, e, por assim dizer, por parte da *psyche* humana (Coutinho 2015: 200)

Não há, portanto, correção do olhar no sentido ontológico que propõe Heidegger, mas antes o melhoramento da capacidade da *psyche* de confrontar a realidade externa a ela e principalmente sua própria

realidade interna, tornando-se capaz de perceber que o que parece ser verdade em suas concepções não passa de crença. A esta concepção epistemológica, Platão acrescenta a concepção moral com a ideia do “bom”, a fim de estabelecer que o filósofo deve constantemente buscar compreender que não alcançará os princípios absolutos, mas que, ainda assim, deve buscar ser bom, e isso implica buscar a harmonia particular e pública na *polis*.

Vemos em Heidegger uma espécie de inversão do pensamento de Platão, onde a essência inteligível é substituída pelo factual mundano, ou melhor, onde o que se mostra é entendido fenomenologicamente como um modo de ser de seu Ser mais próprio e não como resultado de uma causa acima de sua evidência visível. O que se mostra deixa de ser analisado como forma resultante e passa a ser a facticidade de um modo de ser próprio e autêntico do Ser, à espera do desvelamento.

Para apresentar sua tese como original, no entanto, Heidegger precisa desqualificar Platão, na mesma linha de Nietzsche. Logo, a fim de justificar seu posicionamento sobre o papel da metafísica de Platão no caminho para o esquecimento do Ser e de seu horizonte de abertura essencial, ele força Platão em uma espécie de oposição perfeita a suas concepções. Nessa linha, Rosen, chama a atenção para esse processo em Heidegger:

The most general way to state the error of Heidegger's interpretation of Plato is by observing that Plato recognizes the difference between Being and beings, between the light and what is uncovered or illuminated. For this reason, Plato sought to avoid a speech which would temporalize, objectify, or rationalize Being itself. The openness of Being, as prior to distinctions of beings, particular speeches, kinds of measuring, and the subject-object relationship, is the unstated luminosity within which the dialogues are themselves visible. The dialogues become intelligible only when we perceive this unstated luminosity, which is directly present as the silence of Plato (Rosen 1929: cap. 8 s/p)

Ao final da alegoria, iluminado pela ideia do “bom”, o filósofo retorna à caverna, salientando a ligação necessária e fundamental que Platão estabelece entre os dois planos apresentados em sua teoria. Com esse último estágio, Platão demarca a significância de uma ligação com o plano sensível, tanto na esfera subjetiva da *psyche* do próprio filósofo, quanto na esfera política da vida na *polis*.

Platão não nega o plano sensível em detrimento do inteligível, não nega os fenômenos em detrimento das ideias, mas os coloca dentro de uma mesma concepção de mundo. A demarcação de importância do plano sensível defendida por Platão, nos apresenta consequências fenomenológicas que devem ser colocadas em foco, mesmo dentro do pensamento metafísico de Platão.

BIBLIOGRAFIA

- Brisson, L. (1982), *Platon, les mots et les mythes*, Paris: Découverte.
- Brisson, L. (2005), *Introduction à la philosophie du mythe*, Paris: Vrin.
- Cherniss, H. F. (1990), “A economia filosófica das Teorias das Ideias”, Trad. I. Franco, *O que nos faz pensar* 2(2): 109-118.
- Coutinho, L. (2015), *Katabasis e psyche em Platão*, Tese (Doutorado em Estudos Clássicos), Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Coutinho, L. (2020), “A Katabasis das Formas em Platão – Uma leitura de Parmênides”, in M. C. Fialho & A. M. Martins (coords.), *Relendo o Parmênides de Platão*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 413-426.
- Heidegger, M. (2008), “A teoria platônica da verdade”, in *Marcas do caminho*, Trad. Enio Paulo Giachini e Emildo Stein, Petrópolis: Vozes.
- Heidegger, M. (2012a), *Ensaios e conferências*, Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback (8ª ed.), Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária de São Francisco.
- Heidegger, M. (2012b), *Ser e tempo*, Trad. Fausto Castilho, São Paulo: Editora da Unicamp; Petrópolis: Vozes.

- Heidegger, M. (2015), *Ser e tempo*, Trad. Márcia de Sá Cavalcante Schuback (10ª ed.), Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária de São Francisco.
- Kirchner, R. (2016), “A analítica existencial heideggeriana: um modo original de compreender o ser humano”, *Revista NUFEN: phenomenology and interdisciplinarity* 8: 112-128.
- Lopes, R. (2014), *A tensão mythos-logos em Platão*, Tese (Doutorado em Poética e Hermenêutica), Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Platão. (2001), *A República*, Trad. Maria Helena da Rocha Pereira (9ª ed.), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Platão. (2008), *Parmênides*, Trad. Maura Iglésias e Fernando Rodrigues, Edições Loyola, São Paulo.
- Pignatari, R. C. (2009), “Desvela-me a ti mesmo: leitura heideggeriana do Mito da Caverna”, *Lumen* 15: 69-81.
- Rosen, S. (1929), “Heidegger’s Interpretation of Plato”, in *The Quarrel Between Philosophy and Poetry*, Inglaterra: Routledge (versão para kindle, sem paginação).
- Vegetti, M. (2003), “Megiston mathema: l’idea del ‘buono’ e le sue funzioni”, in *La Repubblica* 5 (a cura di Mario Vegetti), 253-286.